



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JOICE LUZ VILELA DA COSTA**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Entrevistada:** Joice Luz Vilela da Costa

**Local da entrevista:** Curitiba

**Entrevistadora:** Maria Thereza Oliveira Souza

**Data da entrevista:** 07/07/2016

**Processamento da entrevista:** Maria Thereza Oliveira Souza

**Páginas Digitadas:** 16

**Número da entrevista:** E-772

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

### Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Maria Thereza Oliveira Souza intitulada “*Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar*” - *atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná em fevereiro de 2017.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em maio de 2017.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início no futebol; Influências para jogar; Remuneração; Campeonatos disputados; público; Empresários; Trajetória no Santos Futebol Clube; Televisão; Futebol fora do país; Formação acadêmica; Dificuldades; Seleção Brasileira; Relação com atletas mais experientes; Visibilidade; Momento de sucesso; Preconceito; Treinadoras; Aposentadoria.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Boa noite Joice

**Joice Luz Vilela da Costa** – Boa noite.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Primeiramente gostaria que você falasse seu nome completo, sua idade, e você quiser comentar um pouquinho da sua trajetória...

**Joice Luz Vilela da Costa** – Tá...meu nome é Joice Cristina Luz Vilela da Costa, tenho trinta e três anos. Na verdade, vou falar um pouco da minha trajetória...Eu comecei a jogar, na verdade, com onze anos. Eu jogava por times masculinos, disputava campeonatos paranaenses por times masculinos. Quando eu estava com doze anos eu fui jogar no Ipiranga, que é o time do Fazendinha, e lá foi que começou mesmo. Eu disputei meu primeiro campeonato importante, foi no Rio de Janeiro, uma Copa do Brasil sub17 e o nosso time acredito que ficou em quinto lugar e depois disso eu continuei jogando, mas eu jogava futebol de campo, futebol de areia, futsal, todos os tipos de...Ai eu joguei campeonatos paranaense, mas não da minha categoria (porque não tinha né), jogava na categoria adulta. Quando em 2002 foi quando eu fui pro Santos, joguei de 2002 até 2011 no Santos, ganhei vários campeonatos juntamente com a minha equipe. Em 2011 mesmo, na metade de 2011, eu disputei um campeonato carioca pelo Bangu, mas a nossa equipe não foi muito bem e depois disso eu fui pra Pernambuco...joguei no Vitória de 2011 até 2014, final de 2014.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Nesse momento gostaria que você comentasse um pouco sobre a sua infância, principalmente do papel que o futebol teve...com que idade você começou a jogar e como era essa prática em meio a meninos, como você comentou...

**Joice Luz Vilela da Costa** – Bom, na verdade eu não me lembro de quando eu comecei a jogar. Eu poderia dizer que eu nasci jogando [risos], porque eu tenho fotos em casa com um ano e pouco, já com a bola no pé. E assim, era tão natural pra mim, era algo que fazia parte de mim já, era tão natural ir pra rua jogar bola que eu não tinha essa coisa de preconceito sabe...dos meninos também. Era como se eu fosse menino, na verdade assim,

pra eles assim. Eu jogava na frente de casa, eu jogava nos campos, eu jogava na escola, era normal assim.

M.S. – E houve alguma influência pra você iniciar a prática do futebol?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não, como eu te disse...foi algo tão natural assim que eu não lembro como começou, eu sempre gostei. Meu pai jogava, mas não foi uma coisa assim: “vou levar a minha filha pra jogar”. Não [negação com a cabeça]. Simplesmente foi acontecendo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E então em que momento surgiu a oportunidade de praticar em um time exclusivamente feminino? Apenas com meninas...

**Joice Luz Vilela da Costa** – Foi quando eu estava com doze anos...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Que você foi pro Ipiranga...

**Joice Luz Vilela da Costa** – Isso, pro Ipiranga, que foi meu primeiro clube.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E aí foi muito diferente de jogar com os meninos ou continuou a mesma coisa?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não, continuou a mesma coisa [sorriso], só que aí, os meninos, na verdade, tinham a mesma idade e as meninas já eram mais velhas, porque não tinham categorias né, com os meninos eu tinha...jogava na categoria deles.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E em que momento você alcançou a possibilidade de ser remunerada jogando futebol?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Foi quando eu fui pro Santos. Na verdade quando eu jogava aqui, (acho que 2000, 2001 – que foi quando eu joguei no Novo Mundo), eles davam uma ajudinha e tal, mas nada que me ajudasse...que eu vivesse disso. Mas foi na época que eu

fui pro Santos. Isso no ano de 2006, porque antes disso o Santos dava também só uma ajuda de custo e aí também eu precisava trabalhar, então eu trabalhava e jogava.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – A partir de 2006 então você viveu apenas do futebol?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Isso, só do futebol.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E era um salário que dava pra você viver tranquilamente?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Tranquilamente.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E todas as atletas recebiam algo que dava pra viver apenas do futebol ou tinham aquelas que trabalhavam?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não, nessa época que eu estou te dizendo, todas recebiam somente pra jogar.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E vocês moravam no clube?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não no clube...a gente morava numa casa perto do clube, perto do estádio.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Desculpe...você falou que tinha filha, falou alguma coisa...você tem filho? [intervenção do professor André]

**Joice Luz Vilela da Costa** – Eu tenho um filho...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E já tinha na época que jogava? [professor André]

**Joice Luz Vilela da Costa** – Eu tive em 2009...estava jogando [sorriso].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E foi muito difícil? [Professor André]

**Joice Luz Vilela da Costa** – Assim, na verdade como eu era atleta, eu descobri que estava grávida com cinco meses...e aí assim, foi um susto na verdade. Mas pra voltar não tive problemas não, foi tranquilo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E aí ele te acompanhava? [Professor André]

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ele ia comigo pra todo quando é lado, ele viajou comigo pra vários lugares...só não foi comigo pra seleção, na verdade, porque quando eu fui convocada pela primeira vez eu estava amamentando e era difícil, porque às vezes ele tinha que ir lá no hotel pra eu poder dar de mamar pra ele [risos]. E depois quando eu fui pra Granja [Comary], mais ou menos em abril, ele estava com um ano e pouco, aí eu tive que desmamar, porque não dava.

**Maria Thereza Oliveira Souza M.S.** – E ele ficou com quem? [Entrevistadora]

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ficou com o pai dele, e com a avó [sorriso].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E como eram as condições dos campeonatos que você disputou? Com o Santos, em Pernambuco, mesmo no Ipiranga. Quais eram as condições desses campeonatos?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Bom, aqui em Curitiba, no começo, era bem precário. Eram poucos times. Na verdade o técnico que carregava todas as atletas e eu acho que isso acontece até hoje. No Santos, no começo era também difícil, porque quando eu fui pra lá nós morávamos em outra cidade, morávamos em Itanhaim, porque era uma cidade que na verdade bancava o time e nós só tínhamos a camisa do Santos, mas também eram campeonatos assim, a gente vivia de campeonatos regionais e campeonatos abertos, e às vezes um campeonato da cidade, mas nada muito oficial assim. E depois, quando o time foi pra Santos mesmo, que daí jogava pela cidade de Santos e pelo clube, aí sim, aí começaram os campeonatos mais importantes. A gente disputou uma liga nacional em 2007, que foi aonde começou as “sereias da vila” e o time foi campeão. Aí em 2007

mesmo o time foi campeão paulista, que é um campeonato muito difícil. Aí vieram as copas do Brasil e aí começaram os campeonatos paulistas mais fortes...veio a Libertadores. Lá em Pernambuco também, só que lá acho que tem seis times no estado todo e o time que pagava mesmo era o Vitória e tinha o Sport, mas as meninas tinham que se juntar pra jogar. E assim, os outros eram times de cidades pequenas, que a grande maioria das vezes o presidente do nosso time que mandava o ônibus pra ir buscar as atletas pra poder ter jogo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E os públicos?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Aaah, As pessoas lá no nordeste amam o futebol feminino. O público era bem grande assim, o reconhecimento com o futebol era bem legal. No santos também assim, as pessoas gostavam da gente assim...a Torcida Jovem sempre acompanhava, mas não com um público tão grande como era lá em Pernambuco.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Vocês jogavam na Vila Belmiro ou jogavam na cidade aonde vocês treinavam?

**Joice Luz Vilela da Costa** – No começo a gente jogava no CT, mas depois de um tempo a gente mandava jogos na Vila.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E aí o público como era?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Tinha até bastante, mas não chegava a encher o estádio.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E vocês tinham contato com o time masculino?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Tinha, a gente treinava no CT e a gente geralmente encontrava com eles.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Desculpe interromper, aquela época que falavam que o Neymar que estava ajudando a equipe feminina...tinha alguma coisa assim ou foi depois?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Na verdade quando eu conheci o Neymar ele era criança ainda assim, das categorias bem novinhas ainda. E assim, foi depois, na verdade, porque quando o Santos estava pra acabar parece que ele queria dar uma ajuda, mas eu já tinha saído do Santos nessa época.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Você já tinha ido pro Vitória.

**Joice Luz Vilela da Costa** – Já tinha ido pro Vitória. [confirmação com a cabeça].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E em algum momento na sua carreira você teve empresários?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Então, quando eu fui pro Santos...na verdade não era um empresário, mas foi uma pessoa que me ajudou a ir pra lá e comprou a chuteira pra mim e ele comprava algumas coisas pra mim, mas não que me ajudou depois disso. [negação com a cabeça]. Mas foi uma pessoa que me levou pra lá.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Mas e aí você teve que dar algum pagamento pra ele?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não...ele nunca me cobrou nada.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Foi apenas uma ajuda...

**Joice Luz Vilela da Costa** – Foi uma ajuda...ele gostava disso. Ele trabalhava com o futebol masculino e foi quem me levou lá. Foi também (não sei se a Karen comentou), foi o que levou a Karen pra lá também.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E vocês foram na mesma época?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Acho que eu fui uns dois meses, um mês antes que ela.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você falou que no Santos, primeiro você não recebia salários, depois você passou a receber e no Vitória você também recebeu. E nos demais clubes brasileiros, como você vê as condições da mulher viver apenas jogando futebol?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Olha, é uma situação bem difícil [expressão de pesar], porque são poucos os clubes né, que pagam alguma coisa, que dão suporte pras jogadoras, pras suas atletas só viverem disso. O Vitória, o Santos, o São José, o Araraquara, o São José do Rio Preto, agora a Marinha. Acho que são pouquíssimos assim, até porque existe ainda né, o preconceito, com mulher no futebol e tudo. Na verdade, um dos motivos de eu ter parado de jogar foi por causa disso, dessa instabilidade, de você nunca saber o que vai ser amanhã...se amanhã vão ter campeonatos, se amanhã a TV vai querer fazer alguma coisa, se vai querer mostrar...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E essa questão da TV, os jogos que vocês disputavam eram transmitidos na maioria das vezes, em algum canal de televisão?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Do Santos sim, o campeonato paulista era transmitido né pela TV Aparecida, se não me engano, era todo domingo de manhã. E alguns campeonatos nacionais pela Sportv, a Fox também.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E na sua época já tinha?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Já tinha, já.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Você então não chegou a jogar em clubes fora do Brasil?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não, não cheguei a jogar...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Mas você teve contato com atletas que jogaram fora do Brasil?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Sim, com várias...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E o que elas comentavam sobre as diferenças encontradas entre o futebol europeu e dos Estados Unidos e aqui no Brasil?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ah, uma estrutura totalmente diferente né, com valorização lá em cima. Aqui existe muita dificuldade né. Você tem que (muitas né), tem que desdobrar, tem que trabalhar. Eu, no meu caso assim, tinha que cuidar da casa, cuidar do filho. E assim, o que eu recebia dava pra eu sobreviver, dava pra sobreviver [ênfase]. Entendeu? Mas não que fosse suficiente, e lá é suficiente, eu acho. Elas comentavam que era uma coisa diferente daqui. As meninas que vinham de fora, que eram americanas ou até mesmo as europeias, elas viam mais porque – o país do futebol – mas quando chegavam aqui percebiam que não era nada daquilo que elas pensavam que era.

**Maria Thereza Oliveira Souza** - Então você acha que as pessoas de fora do país acreditam que por o futebol masculino ser desenvolvido o feminino também é?

**Joice Luz Vilela da Costa** – O feminino também. [confirmação com sorriso]

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E em algum momento você teve que optar por estudar ou jogar futebol? Ou você conseguiu conciliar as duas coisas?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Graças a Deus eu consegui conciliar as duas coisas, foi bem difícil mas eu consegui.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Você se formou...

**Joice Luz Vilela da Costa** – Eu me formei em administração de empresas na época em que eu jogava no Santos e quando eu jogava no Vitória eu cheguei a fazer uma pós-graduação.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Então o futebol te deu condições de estudar...

**Joice Luz Vilela da Costa** – Me deu condições [confirmação com a cabeça].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Como você enxerga o tratamento dado ao futebol feminino no Brasil?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Hum [risos]. Com certo desrespeito. Eu acho que as meninas merecem mais sabe, porque são lutadoras, são batalhadoras, querem realmente que as coisas mudem. Mas, como não é uma modalidade que tem retorno, que não traz retorno, também não tem investimento. É complicado. [Expressão de pesar].

**Maria Thereza Oliveira Souza** –E quais foram as principais dificuldades que você enfrentou jogando futebol?

**Joice Luz Vilela da Costa** – A falta de dinheiro muitas vezes pra ir pra casa. Assim, você jogava ali, na verdade você joga por amor, nada que você possa guardar muito dinheiro pra falar assim “comprei isso”, lógico por uma época sim, é como eu te disse, estabilidade – um tempo você tem, outro tempo você não tem nada. Entendeu? É isso.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E com relação à seleção brasileira...qual foi o sentimento de ser convocada?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Nossa, eu fiquei muito feliz, eu lembro até hoje como que foi [sorriso e animação]. Infelizmente, ou felizmente, eu fui convocada pra jogar a Taça Cidade de São Paulo no lugar da Maurine, que tinha se machucado e que jogava comigo no Santos. Infelizmente porque ela tinha se machucado e é uma grande atleta, mas felizmente porque eu fui convocada [sorriso]. Eu fiquei muito feliz assim, eu não sabia o que fazer, sabe? Eu fiquei: “vou pra seleção, nossa [expressão de espano]. Já vou direto pra um campeonato.” Foi muito legal.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você foi convocada como lateral?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Como lateral [confirmação com a cabeça]. Lateral esquerda.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E como foi a recepção das atletas que já estavam a mais tempo no grupo, como você que estava chegando?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Foi tranquila, até porque eu já conhecia a grande maioria né, porque tinham muitas que jogavam no Santos comigo, então foi tranquilo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E não existe então aquela repressão das mais antigas com as mais novas que chegam. É tranquilo? Pelo menos com você foi tranquilo?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Pelo menos comigo foi tranquilo, não tem o que falar assim.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E quando isso aconteceu?

**Joice Luz Vilela da Costa** – 2010.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E em qual torneio?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Cidade de São Paulo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E de que forma ocorreu o contato da CBF pra te convocar? Por telefone, e-mail? Primeiro com o clube ou com você?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Então, na verdade, o nosso técnico, que era o técnico da seleção na época, ele era o nosso técnico no Santos, então ele acompanhava não somente os jogos né, como o dia a dia. Então ele já conhecia o meu trabalho e foi assim, ele falou que ia me convocar e meu nome saiu na lista [sorriso].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você jogou só esse torneio?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Só esse torneio, depois eu fui para algumas outras convocações, mas não cheguei a jogar nenhum outro campeonatos.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Daí era pra treinos?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Isso. Para treinos.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E a CBF custeava as suas passagens?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Sim. Bancava.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Pra treinos também?

**Joice Luz Vilela da Costa** – É, na verdade a gente ficava na Granja Comary né. E ai ficava de quinze a vinte dias lá e eles pagavam uma diária pra gente.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E essa diária era de que valor?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ai, acho que na época era cento e pouquinho, não lembro direito.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E na época que a Dayane falou era quarenta e cinco...

**Joice Luz Vilela da Costa** – É, é que a Dayane na verdade foi desde 2002 né, mas o meu caso já era um pouco mais pra frente.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E qual o tratamento dado à equipe nas dependências da CBF?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Totalmente profissionais. Totalmente profissionais [ênfase]. Lá dentro não diferem do futebol masculino, assim. A estrutura, tanto física quanto o campo, uniforme, sempre ótimo assim [silêncio enquanto aguarda a próxima pergunta]. Bom, eu posso dizer da época que eu estava lá né. Eu não sei se antes ou depois teve algum problema. Mas assim, das vezes que eu estive lá, pra mim pareceu muito bom.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você teve contato ou ficou sabendo por meio de atletas que você conviveu de alguma tentativa da CBF de melhorar a estética das atletas?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Sim, a gente escuta assim, que precisa deixar o cabelo crescer, precisava se arrumar mais...isso a gente sempre escutou, sabe? Sobre o uniforme, de não deixar o calção muito caído, muito pra baixo, a camisa muito solta, mas sempre boatos né, sempre boatos.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E o que você acha disso?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ah, eu acredito que é uma forma de...é uma modalidade feminina, entendeu? Não que tenha preconceito porque tem cabelo curto, não, mas eu vejo como foi o vôlei, entendeu? Acho que as meninas vestiram a camisa de serem femininas e aí a modalidade cresceu. Eu acho que é bem por esse lado assim, não precisa agredir com a sua imagem, tem que vender uma boa imagem.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E como você enxerga a existência da seleção permanente de futebol feminino?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ah, eu acho bacana sabe? Porque é uma ajuda para as meninas. Antigamente tinha a seleção e quase sempre eram as mesmas jogadoras e hoje em dia poder ter algo certo eu acho que é bem legal, bem importante assim, você poder treinar. Eu acho que eles estão visando lá na frente né, Copa do Mundo, as Olimpíadas agora. Você poder treinar...não só se reunir quinze dias pra treinar, mas ter uma continuidade de trabalho, é bem legal.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você acha que vai continuar após as Olimpíadas?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Eu torço pra que continue, torço pra que continue. Também tem as categorias de base agora né, que está bem legal assim, sub15, sub17. Então está tendo um trabalho bacana na formação.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você não acha que isso inviabiliza que outras atletas entrem no grupo?

**Joice Luz Vilela da Costa** – De certa forma sim, mas como eu te disse, antigamente também sempre existiu isso de sempre as mesmas serem convocadas...uma [exceção] ali, como aconteceu no meu caso, da fatalidade da lesão da Maurine e eu fui convocada. Mas eu acredito que ele deve estar olhando também, deve estar olhando, até porque tem algumas atletas que estão com uma certa idade né. A formiga, que joga muito, uma super atleta, mas não vai jogar pra sempre né. Então eu acho que essa renovação é legal, até por isso que eles estão investindo mais nas categorias de base.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E por que você acha que acontecia essa uniformidade, de só as mesmas jogadoras sempre serem convocadas?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Eu acho que também não era muito divulgado. Era mais ali Rio e São Paulo e uma ou outra que conhecia, tal. Hoje em dia tem times lá no Amazonas, Pernambuco, Pará, Rio Grande do Sul. Antigamente era mais São Paulo e Rio, então era mais concentrado ali.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E qual você considera o seu momento de maior sucesso ou sua experiência mais representativa no futebol?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Eu acho que foi no ano de 2010 mesmo, 2010 e 2011. Foi logo que eu voltei da maternidade [sorriso], de ter tido o meu filho. Eu acho que foram os dois melhores anos, não que posteriormente não foi e anteriormente também, mas eu acredito que em 2010 e 2011...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Por ter jogado o campeonato pela seleção?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Também. Também por isso. Mas tanto fisicamente, emocionalmente...

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E vocês conquistaram o Torneio da Cidade de São Paulo?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não, nós perdemos para o Canadá na final.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Após sua longa trajetória no futebol qual é a sua percepção sobre as possíveis mudanças em relação a como a mulher é vista hoje praticando futebol e a quinze anos atrás. Você acha que mudou alguma coisa?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ah, eu acho que bastante, também pela divulgação, pela era da internet, porque agora a postagem de fotos, tudo, fazem com que as pessoas fiquem mais inteiradas do assunto. E vê que o futebol também é pra mulher, que sabem jogar, na verdade.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você sofreu preconceito?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não. Na verdade não assim. Às vezes você escutava uma gracinha ou outra, mas nada tão agressivo.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Nem no futebol e nem por se mulher na sua profissão agora, nunca?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não. É isso que eu falo, a gente sempre escuta uma gracinha [sorriso], mas não [negação com a cabeça]. Nada que eu ficasse triste por causa disso.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E em algum momento você se sentiu pressionada a se adequar aos padrões de feminilidade? Teve que se mostrar mais mulher por jogar futebol?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não. Não. Não. [demonstrando desconforto com a pergunta].

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E nem teve contato com esse tipo de coisa?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não...também não.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Em algum clube que você treinou ou na seleção, você teve contato com mulheres na comissão técnica ou como técnica?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Tive, no Santos tinha uma preparadora física, aqui mesmo eu tinha uma técnica, lá em Pernambuco tinha na diretoria, tinham mulheres, tinham.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você acha que as meninas se sentem diferentes em serem treinadas por mulheres ou por homens?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não, eu acho que é indiferente, indiferente.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – O que você vislumbra para a sequência do futebol feminino no Brasil? Você vê algum panorama de mudança?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ai, é difícil dizer viu, porque como eu te disse, é tão instável. Eu torço, eu torço para que as coisas só tendam a crescer, entendeu? Mas, da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar, entendeu? E eu espero que sim, que as coisas só se valorizem para o futebol feminino, para a modalidade. Para que a modalidade cresça. Eu acho que eles deviam começar cedo, entendeu? Ter mais escolinhas, não só a menina começar com dezesseis anos a jogar, que é o que acontece né, vai para os clubes já com quinze, dezesseis anos. Não, começar ali com sete anos, que é o que acontece nos Estados Unidos, sabe? Investir nas categorias de base.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você enxerga alguma mudança de quando você começou a jogar para agora? Você acha que evoluiu alguma coisa?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Sim [afirmação com a cabeça]. Evoluiu, porque tem clubes que até tem as categorias de base, mas são raríssimos, são poucos, você conta nos dedos quantos são.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Você jogou com a Marta, você jogou com a Cristiane...você acha que elas poderiam fazer mais? Você acha que a Marta, principalmente, poderia usar mais a imagem dela pra alavancar o futebol feminino no Brasil ou você acha que está fora do alcance?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ah, eu acho que ela já fez bastante. Ela já mostrou que pode, que tudo é possível, entendeu? A seleção nunca ganhou nada...foi vice campeã das Olimpíadas e tal, mas nunca teve um campeonato que você falou: “nossa, a seleção foi campeã do mundo”. E ela, individualmente, sempre mostrou que é possível, quando você quer alguma coisa você vai lá e conquista assim. Mas eu acho que tem que ter mais das outras pessoas, mais dos clubes, mais da imprensa...eu acho que falta muito ainda.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E você parou de jogar e não pensa em voltar?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Não. Profissionalmente não. Eu brinco, jogo alguns campeonatos de futebol 7, mas profissionalmente eu não penso em jogar mais não.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – E pra finalizar, você gostaria de deixar uma mensagem para aquelas meninas que busquem constituir uma carreira no futebol feminino?

**Joice Luz Vilela da Costa** – Ah, eu diria que, por mais que as coisas pareçam difíceis, por mais que você olhe pra frente e não tenha muita perspectiva, mas não desistir. Não desistir. Pensar sempre positivo. Pensar que as coisas podem realmente mudar.

**Maria Thereza Oliveira Souza** – Muito obrigada Joice.

**Joice Luz Vilela da Costa** – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]